

# REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

## Origem de varias locuções adagios e anexins

### Deu-lhe o Tranglo Mango

Nas locuções populares portuguezas encontra-se empregada com frequencia: *Deu-lhe o Tranglo-Mango*, por acon-teceu-lhe mal, perdeu-se, levou-a o diabo. Pela generalidade de uma par-lenda em forma dithyrambica, com ves-tigios de character magico, sómos leva-dos a inferir que o *Tangro-Mangro* não é uma palavra sem sentido, uma neuuma para encher o verso, mas o no-me de uma divindade, que como deca-hida conserva o espirito malevolo e que persiste nas superstições populares.

O *Tranglo-Mango* apresenta fórmas variadas na peninsula, como o *Tango y Mango*, na Andaluzia, *Tangomao* no castelhano usual, *Tangano Man-gano* na Galliza, e *Tranglo-Manglo* (Açores) e *Tangro-Mangro* (Penafiel, Lisboa.) A generalidade desta expres-são já por si bastava para a inferencia de um fundo commum de raças, e esse verificava-se naturalmente na persisten-cia de caracteres e costumes da raça iberica da peninsula.

A expressão é porém quasi geral á Europa, e encontra-se na Lei Salica sob a forma de *Tangano* e no francez de Froissorte na forma de *Tangre*, e na Italia como *Tanghero* do dictiona-rio da Crusca.

O problema adquire, pois, uma maior importancia; se na peninsula his-

panica esta divindade provem da persis-tencia da tradição dos povos ibericos, no Occidente da Europa só pode ex-plicar-se pela persistencia d'este fundo ethnico turaniano ou melhor scythico, que precedeu na Europa a entrada das raças áricas. (1) De facto essa raça invadida pelas diversas migrações áricas, refluiu para o sol da Europa, e estacio-nou no triangulo geographico da Aqi-tania; o ibero, pertencendo a essa mes-ma raça differenciou-se d'ella pela sua entrada na Europa tendo atravessado a Africa, como se descobre pela formação do elemento berber. A tradição do *Tan-golo*, accusa a homogeneidade dos dois ramos aquitanico e iberico, e condu-znos à investigação das fórmas porque esta divindade é ainda conhecida entre os diversos ramos das raças altaicas.

Diz Max-Muller: «Na linguagem mongol, achamos *Teng-ri* (em turco *Tangry*) e esta palavra significa primeiramente céu, em segundo logar Deus do Céu, depois Deus em geral, e por fim Espirito ou demonio, em bem ou em mal.» (2) Max-Muller aproxima esta palavra da sua forma primitiva sim-ples, de que os chinezes se servem pa-rra designar a divindade *Tien*; nas re-lações historicas ácerca dos Hunnos, pe-los escriptores chinezes, conservam o nome que os Hunnos davam aos seus chefes, que era *Tangli-kutu* (*Tchenju*) que significava Filho do Céu, nome ain-da hoje peculiar dos imperadores da China (*Tien tze*, correspondendo ao an-tigo *Tangli-kutu*.) «De tudo isto, con-tinua Max-Muller, concluo que o *Tan-gli*, dos Hunnos, o *Tengri* dos Mou-

gões e o *Tien* dos Chinezes não são senão um mesmo nome.» (3) Max-Muller leva mais longe a comparação, remontando aos Tukin, ou antepassados dos Turcos, que chamavam aos Espíritos do seu feticchismo *Pur-Teng-i-li*, sendo o *Teng-i-li* conservado ainda no *Tengri* dos Mongões e com o mesmo sentido geral de Espírito na palavra *Tangara*, do yakute moderno, hem como entre os christãos convertidos da Siberia, os Santos são designados *Tangara*.

A forma a mais antiga é a accadica *Dingir*, degenerando em outras designações como o *Tenghiri* do Hing-Na, em *Tagri* de Tatarusch, no *Tangry* dos Turcos, e no *Tengli* dos Hunnos, cujas aproximações são confirmadas pelas correlações ethnicas de outras raças altaicas.

Como explicar o segundo elemento *Mangro* ligado a *Tangro*?

Nas inscripções lapidares da península hispanica, publicadas pela Academia de Berlim, apparece com frequencia o nome da divindade *Manyos*, aglutinado com o de outras divindades como em *Aegia-Muni-Aegus*, *Ael-Manius*, e *Ber-Manicus*. Como é sabido, a região dos Persas soffreu uma transformação no Magismo pelo contacto dos Medas com as tribus turanianas; assim *Dranga* e *Angro* são derivados de alguma das formas *Tangry* ou *Tengri* e a divindade malevola dos Persas *Anromainyus*, isto é, o espirito que mata, é a que na península hispanica se conserva na tradição inconsciente de *Tanglo-Mango*, *Tranglo-Mango* ou *Tangro-Mingro*. (1)

Na parlenda portugueza ha ainda um sentido explicavel pelo sacrificio a *Angromaynius*; diz-se na parlenda de Penafiel:

Nasceram dez meninas  
Mettidas dentro de um fole;

Deu-lhe o *Tangro-Mangro* n'ellas  
Não ficaram senão nove. (2)

Na versão de Lisboa, diz-se tambem:

Minha mãe teve dez filhos  
Todos dez dentro de um pote,  
Deu-lhe o *Tangro-Mangro* n'elles,  
Não ficaram se não nove.

Saco y Arce, colligiu da tradição popular da Galliza a parlenda semelhante ás versões portuguezas, em que se allude tambem a meninas, que foram eliminadas:

Elas eran once damas  
Todas amigas d'o xuez,  
Pegou o *Tangano-mangano* n'ellas  
Non quedaron senon dez.

D'aquellas dez que quedaron  
Foran xugar o probe,  
Pegou o *Tangano-mangano* n'elles  
Non quedaron senon nove.

D'estas nove que quedaron,  
Deran en comer biscoito,  
Pegou o *Tangano-mangano* n'ellas  
Non quedaron senon oito.

Segue-se a forma dithyrambica enumerativa até um, como na versão de Penafiel:

É esse um que ficou  
Foi vêr amassal-lo pão,  
Deu lhe o *Tangro-mangro* n'elle  
Acabou-se a geração.

Lenormant aponta o facto contado por Plutarcho, de offerecerem os Magos a *Angro-Minyus*, em sacrificio a herba dos charcos chamada *omomi* (evidentemente o *haoma*) e de Hero, doto referir da mulher de Xerxes aprinzeza interinamente entregue á influencia

dos Magos, sacrificando sete meninos ao deus das trevas e das regiões inferiores. Elle representa tambem um sacrificio analogo como operada em honra do mesmo deus na passagem do Strymon, na marcha dos Persas sobre a Grecia.» (3) Aqui temos o nome da divindade malevola coincidindo com a forma cultural; são dez *meninas*, onze *damas*, ou doze *freiras*, em quem dá o Tangro-mangro, e que desaparecem, como n'um sacrificio.

O Menhir de las *Virgenes*, dos Monumentos megalithicos da Andaluzia, figurou por ventura essa divindade, por isso que o povo canta ainda acerca da pedra:

Jilaca, jilando,  
puso aqui este tango,  
y Menga y Mengal  
lo volvió à quitar. (4)

A forma hespanhola de *Tangomío*, acha-se tambem na *Arte de Furtar*, do padre Vieira, nas Ordenações philippinas e no Vocabulario de Bluteau. Não é para admirar que na tradição portugueza persistam certos vestigios dos ritos magicos da Chaldêa, renovados sob a forma do magismo medopersa, confluindo ainda pela acção dos Romanos, Judeus e Arabes. Os povos ibericos encontraram nos novos povoadores da peninsula condições para a revivencia dos seus caracteres ethnicos, pois que, como diz Lenormant: «para a antiguidade grega como romana, como tambem para a tradição judaica e arabe, o Egypto e a Chaldêa são as duas fontes de toda a magia erudita.»

É apreciavel o estudo philologico de Manuel de Mello, (na *Revista brazileira*, t. VI, p. 163) onde diz: «a expressão *Tangoro Mangoro*, variamente pronunciada [*Tangano-mango*, *Tango-marango*] figura como estribilho de um lundu ou cantiga popula-

rissima do Brazil, analoga a uma ou outro das *formulettes numeratives* inseridas por Eugène Rolland na *Melusine*, e por Ph. Kuluff nas *Enfantes du bon pays de France*.»

## CANTARES DE COIMBRA

Ao longe nos salgueiraeas  
Vi um bando de andorinhas  
Que iam buscar os teus ais  
E levar-te novas minhas.

A' fonte de meus desejos  
Vou minha bilha levar,  
Quero encbel-a só de beijos  
P'r' o meu amor se banhar.

Dançam, dançam as estrellas,  
Dançam astros lá nos Ceus,  
A lua dança com ellas  
Envolta em seus brancos veus

Mondego que vaes correndo  
A cantar, nos cinzeiraeas.  
Vae meu pranto recebendo,  
E leva-o, não voltes mais.

As tricaninhas mimosas  
Mais lindas que os amores.  
São açafates de rosas,  
São ramalhetes de flores.

A capa dos estudantes  
Mais fresca que a viração,  
Tapa-lhe a chuva d'inverno,  
E guarda sol pelo verão.

(1) Sobre o nome desta raça e suas designações, vid. Lenormant, *La Magie chez les Chaldéens*, p. 325.

(2) Nas inscrições cuneiformes do rochedo de Behistun (Tabl. 4 § 4) *Dranga* é a personificação do mal da mentira—No Peral chama-se ao diabo *Diangras*.

(3) *Zeitschr. f. rom. Phil.*, III, 199.

(4) *La Magie chez les Chaldéens*, p. 206.

(5) *Los Aborigenes ibericos*, de Tubino, p. 24.

Se eu morrer e meu cabelo  
Forem na campa enterrar,  
Por cruz quero o sete estrello  
E por mortalha, o luar.

Coimbra, jardins fagueiros,  
Onde magoas são amores,  
Tens teus labios por canteiros  
Tens teus olhos por flores.

Coimbra.

*Guilherme d'Almeida*

### CANCIONES POPULARES

*(Dialecto Mirandez)*

Na solidon mais scura  
La magoa vengo chorar,  
Am quanto num vê la morte  
Mius tristes diês acabar.

L' miu coração por astes  
Antrou ne tou pensamento;  
Iê cumo l' crime d' la força,  
Que nunca teu lhibramento.

Iou sou tûo i tu sòs miu,  
Ambos nos somos felizes;  
La cadena que nus prende  
Ne fondo deitou raizes.

D'la bocca fez um tinteiro,  
D'a lhengua pruma aparada,  
D'les diêntes letra menuda,  
D'les beiços carta cerrada.

L' miu coração palpita  
Quanto palpita me diz.  
Que contigo, tarde ou cedo,  
Hei-de veuir a ser feliz.

### Canção populara Santo Antonio

Em Evora é muito popular a  
seguinte cantiga:

Fazei santinho que eu goze  
Do casamento os prazeres,

Que este Santo Sacramento  
Legou Deus a nós, mulheres.

Não queiraes que eu leve á cova  
Rosas, palmito e capella;  
Que é coisa triste no mundo  
Ver morrer uma donzella.

Não queiraes que as feições lindas  
Que a natureza me dou,  
Vão parar à terra fria  
Sem deixar retrato seu.

Fazei-me, pois, o milagre,  
Santo do meu coração;  
Prometto dar-vos um manto  
Bordado por minha mão.

Não penseis que ha-de ser feio  
Ha-de ser todo taful:  
Ricas bordaduras de ouro  
Sobre setim bem azul.

Se me fazeis o milagre  
Eu vos prometto, Santinho,  
Fazer mais uma fogucira  
De alecrim e rosmanjão,  
Como ao meu primeiro filho  
Hei-de chamar Antoninho.

### Superstições populares

Quando uma pessoa pasa por de-  
frente de uma abegoria de vaccas e que  
ellas mugem é signal de casamento.

E' bom comer uvas depois da meia  
noite de Natal, porque livra de sessões.

Na noite do casamento; aquelle que  
no quarto apaga a luz primeiro, é o  
que primeiro morre.

Sonhar com chuva è signal de tem-  
poral.

(Continúa)